

EDUCAÇÃO E MUNDO DO TRABALHO: O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER?

Education and the World of Work: what do you want to be when you grow up?

Claudio Afonso Peres¹
Hudinilson Kendy de Lima Yamaguchi²
Jaqueline de Matos Martins³
Raquel Andrade Barreto⁴

Resumo: O presente trabalho apresenta o percurso e o resultado do Projeto de Extensão intitulado “Educação e Mundo do Trabalho: o que você quer ser quando crescer?”, realizado no segundo semestre de 2016, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, *Campus* Coari. Partimos da percepção de que o jovem termina o ensino médio sem a ideia consolidada de qual profissão pretende seguir. Buscando orientar esses jovens realizamos entrevistas, testes vocacionais e palestras, obtendo os resultados ora relatados. Fazemos aqui, ainda, uma breve reflexão sobre a lógica do trabalho no ideário do liberalismo, fazendo um contraponto à visão marxista, buscando na educação uma alternativa para a construção de uma nova ordem social, na qual haja dignidade no trabalho. O principal resultado do Projeto foi o interesse despertado e a apropriação do conhecimento transmitido nas palestras por parte dos alunos das escolas participantes, o que nos permitiu concluir que a escola precisa sair para além das teorias e das salas de aula, condição necessária para a transformação da realidade da comunidade.

Palavras-chave: Projeto. Educação. Mundo do Trabalho.

1 Mestre em Educação, Docente, Instituto Federal do Amazonas, *Campus* Coari – IFAM/CCO. claudioperes@ifam.edu.br

2 Mestre em Engenharia de Produção, Docente, Instituto Federal do Amazonas – IFAM/CCO. hkendy@ifam.edu.br

3 Discente do Ensino Médio do Curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática, Instituto Federal do Amazonas – IFAM/CCO. jaquelinematosmartins@gmail.com

4 Discente do Ensino Médio do Curso Técnico em Informática, Instituto Federal do Amazonas – IFAM/CCO. raquelandrade979@gmail.com

ABSTRACT: *The present report presents the journey and the result of the Extension Project entitled Education and the World of Work: what do you want to be when you grow up? Held in the second half of 2016, at the Federal Institute of Education, Science and Technology - Campus Coari/AM. We start from the perception that the young people graduate from High School without a consolidated idea of which profession they intend to follow. In order to guide these students, we conduct interviews, vocational tests and lectures, obtaining the results reported here. We also present here a brief reflection on the logic of work in the ideology of liberalism, making a counterpoint to the Marxist point, of view seeking in education an alternative for the construction of a new social order, in which there is dignity in the work. The main result of the Project was the awakened interest and the appropriation of the knowledge shared in the lectures by schools participating students. It allowed us to conclude that the school needs to move beyond theories and classrooms, a necessary condition for transformation of the reality in the community.*

KEYWORDS: *Project. Education. World of Work.*

INTRODUÇÃO

A ideia do Projeto partiu da percepção de que somos uma Instituição que forma para o trabalho e que nossos alunos terminam o ensino médio, de maneira geral, sem decidir qual profissão seguir na vida ou sem saber “o que quer ser quando crescer”. Sabemos que para essa escolha o adolescente sofre influência dos pais, da escola e da própria sociedade (SAMPAIO, 2016), que rotula atividades como “profissões de elite” e outras como se fossem a “sobra” do mercado. Contudo, entre essas profissões que sobram, para aqueles que não podem escolher, são profissões importantes e essenciais, como as de professor e agricultor, por exemplo.

Acrescenta-se ainda o fato de que vivemos na cidade de Coari, no interior do Amazonas, distante 360 Km da capital do Estado, com graves problemas políticos e econômicos, prejudicando o mercado de trabalho e estimulando a migração para Manaus.

O problema se agrava quando constatamos que, como em todo o País, temos um mercado de trabalho precarizado pelas reformas liberais dos anos 1990, conforme argumenta Antunes, na obra *O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho* (ANTUNES, 2005) e pelas que, neste momento, estão sendo implementadas, fazendo nos perceber a necessidade de uma educação diferenciada, que fuja da lógica do mercado e atenda à lógica do ser humano, uma educação para a vida, para além do sistema capitalista, conforme argumenta Mészáros (2005), na obra *A educação para além do capital*.

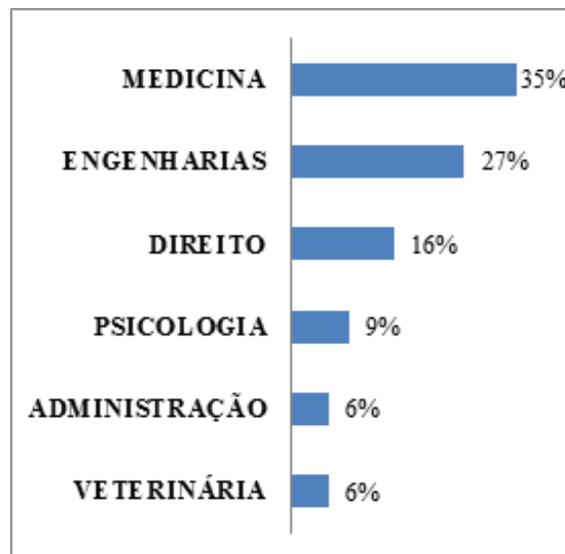
O Projeto foi desenvolvido com o objetivo de contribuir com a melhoria da percepção sobre o mundo do trabalho pelo jovem estudante do município de Coari e com a escolha laboral nesse momento de difícil decisão, tendo logrado pleno êxito nessa tarefa.

A partir da escolha do público alvo, a metodologia adotada foi aplicação de questionários e testes vocacionais, seguida da organização de palestras por profissionais de diversas áreas, escolhidos de acordo com as observações realizadas nas fases anteriores.

O DESEJO, A VOCAÇÃO E A REALIDADE

Nesse sentido, na primeira aula do ano de 2016, fizemos uma pesquisa entre os 174 alunos do primeiro ano do Ensino Médio do IFAM *Campus* Coari na qual constatamos que 34 deles ainda não haviam definido suas preferências por profissão alguma. A preferência de 79 deles se concentrava em 6 profissões. Os demais se dividiam entre 39 profissões diferentes.

Gráfico nº 1: O que você quer ser quando crescer?



Fonte: Próprio autor, 2016.

O Gráfico nº 1 demonstra os percentuais das seis áreas mais pretendidas: dos 174 jovens entrevistados, onde apenas dois declararam pretender seguir a carreira de professor, nenhum jovem entrevistado declarou pretender ser pescador ou agricultor e sob influência da promessa liberal, na qual todos têm possibilidade de “subir ou

de ser alguém na vida” e galgar profissões de sucesso, nenhum entrevistado declarou querer ser gari, feirante, moto-taxista, pedreiro, ou mecânico, por exemplo.

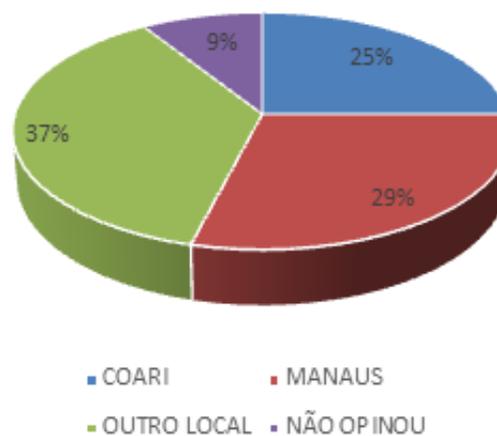
A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A partir desse contexto, visando chamar atenção dos jovens para as profissões e tentar fazer despertar o interesse pelo atendimento à vocação, optamos neste projeto de extensão, com base nos recursos metodológicos ensinados por Lakatos & Marconi (1992) e Severino (2000), por aplicar um questionário sucinto, um teste vocacional e realizar palestras com 10 profissionais de diferentes áreas de atuação para 171 alunos do 9º ano e do 3º ano das escolas Estaduais Maria Almeida do Nascimento e Instituto Bereano de Coari, além da escola privada Paraíso, todas da área urbana do Município.

No questionário aplicado buscamos entender brevemente a realidade perguntando o que o entrevistado queria ser quando crescer; qual a influência dos pais nessa decisão; se acreditava na educação escolar como elemento capaz de conduzir à profissão desejada e em qual cidade pretendia viver e desenvolver a profissão futura. Os resultados apresentados revelam dados que são preocupantes, principalmente quando acreditamos na educação como fator de desalienação e passível de contribuir com o desenvolvimento regional.

Perguntado onde pretendia morar e desenvolver sua profissão, obtivemos os dados constantes do Gráfico nº 2, comprovando que grande maioria não pretende residir nem trabalhar na cidade de Coari.

Gráfico 2: Local onde quer morar e desenvolver a profissão



Fonte: Próprio autor, 2016.

O resultado da pesquisa nos leva a um paradoxo pois, estamos formando jovens para o mercado de trabalho e o exercício pleno da condição humana, portanto, livres para traçar suas escolhas, nos grandes limites estabelecidos pela sociedade capitalista. Se considerarmos que a missão institucional do IFAM é a de contribuir para o desenvolvimento regional, os resultados da pesquisa apresentam um desenvolvimento ameaçado com a ausência desses alunos no processo de construção da economia local, visto que apenas 25% pretendem permanecer em Coari.

No caso do interior do Amazonas, mesmo com a educação de boa qualidade e obtendo altos índices de aprovação nos cursos superiores (PERES *et al*, 2016), concordamos com os argumentos de Inocêncio de Oliveira de que “o modelo está falido. Formamos, nas pequenas cidades, candidatos ao desemprego na grande metrópole” (OLIVEIRA, 2007, p. 12).

Para melhor compreender a relação aluno X escola, perguntamos a 142 alunos se estes acreditavam que a educação escolar poderia levá-los onde querem chegar. Surpreendemo-nos com 127 respostas positivas, levando-

nos a reconhecer a importância da escola na vida desses jovens e colocando “sob nossos ombros” uma responsabilidade que sabemos não ser possível lograr pleno êxito, pois a educação escolar por si só, por mais qualidade que possua, não consegue mudar a realidade econômica, a não ser que encontremos novas soluções para essa equação, conforme indicaremos na conclusão deste trabalho.

Outro fator igualmente preocupante é sobre a influência que esses jovens recebem na escolha da profissão. Sabemos que a influência vem da sociedade como um todo e da escola especificamente porém, a influência da família parecer ser a que mais pesa na decisão, colocando-nos no compromisso de educar, inclusive, os pais, pois uma sugestão ou decisão equivocada acaba levando a escolhas igualmente erradas, tanto do ponto de vista econômico, quanto da frustração do verdadeiro desejo do adolescente. Na pesquisa, dos 142 entrevistados, 73 informaram ter recebido influência dos pais na escolha da profissão que apontaram como sendo a que pretendiam ser quando crescer. Sabemos que os pais querem o melhor para os filhos, mas nossa sociedade está impregnada da crença irracional de que o melhor é o que dá mais *status* e mais dinheiro.

A pergunta *o que você quer ser quando crescer?* resultou na preferência por medicina, engenharia e direito ocupando, nessa ordem, as primeiras opções, conforme consta no Gráfico nº 1, do mesmo modo que as pesquisas realizadas entre os alunos do primeiro ano do IFAM Campus Coari nos anos de 2016 e de 2017.

A situação foi mais incômoda ainda quando, na sondagem sobre a vocação, aplicamos um teste vocacional *ad hoc*, utilizado pelo Professor Bruno Augusto, do Colégio São José, com 20 questões, sendo que o resultado levava o investigado a se enquadrar, pelas suas opções, nos aspectos das profissões das áreas A, B, C ou D, cada

uma delas caracterizada por áreas de atuação comuns. Como resultado, considerando a análise individual, foi constatado que 60% dos alunos entrevistados afirmaram pretender desenvolver uma profissão para a qual não têm vocação. Percebemos que a escolha da profissão ou “o que o jovem quer ser quando crescer”, não tem relação com a vocação ou com a profissão que daria satisfação, mas com aquilo que os pais pensam ou o que a sociedade vê como mais lucrativo ou que traz o *status* de uma profissão de sucesso.

Na sociedade em que vivemos não é difícil perceber que a maioria das pessoas não atua nas áreas que gostaria de atuar e que o rótulo colocado sobre determinadas profissões faz com que as pessoas não tenham vontade de desenvolvê-las. Percebemos que a educação escolar é fator decisivo para a escolha pois é nesse espaço que geralmente se forma a capacidade reflexiva do jovem sobre o mundo que o cerca. Com efeito, existe uma ordem social imposta que não atende ao critério da própria *práxis* humana, não considera o conjunto das ações que podem e devem ser desenvolvidas pelo homem. Ora, a sociedade precisa do motorista, do gari, do agricultor, do professor, assim como precisa do médico, do juiz de direito e do engenheiro. Seria o fracasso ou o sucesso na educação escolar que levaria o homem a decidir ser médico ou gari, por exemplo? Seria a condição econômica fator determinante sobre o que o jovem quer ser quando crescer?

Para estimular a visão dos alunos para a realidade de diversas profissões e verificar suas vantagens e desvantagens as palestras proferidas pelos profissionais (médico, moto-taxista, engenheiro, nutricionista, fisioterapeuta, professora, agricultora, biotecnólogo, dentista e engenheiro de pesca) foram muito elogiadas pelos alunos participantes, que se declararam impressionados com os relatos pelos quais puderam reconhecer a importância de cada

profissão e as dificuldades enfrentadas no seu desempenho, fator positivo para a decisão da futura profissão. Por exemplo, a partir da palestra do médico Dr. Ricardo Farias (Figura 1), alguns alunos declararam intencionar rever a opção pela medicina, já que agora viram que a profissão tem suas mazelas.

Figura 1: Palestra do médico



Fonte: Próprio autor, 2016.

Com efeito, o que os jovens muitas vezes desconhecem é que a realidade demonstra que muitos sonhos são frustrados pela impossibilidade da escolha da profissão, que a promessa idealista liberal não se cumpre.

Na construção histórica desse ideário político liberal, John Locke afirma que:

Embora a terra e todas as criaturas inferiores sejam comuns a todos os homens, cada homem tem uma propriedade em sua própria pessoa. A esta ninguém tem direito algum além dele mesmo. O trabalho de seu corpo e a obra de suas mãos pode-se dizer, é propriedade dele (LOCKE, 1998, p. 407 e 408).

Pensando na possibilidade efetiva desse ideário resta ainda à sociedade capitalista encontrar a fórmula ou a equação que fará com que um dia o ser humano possa de fato encontrar liberdade para ser proprietário de seu corpo e da obra de suas mãos, conforme garante o autor.

Ao reconhecer que o usufruto dessa propriedade não seja certo e seguro, Locke (1998) considera que, ao delegar seu poder à sociedade política ou ao Estado, representado pelo parlamento, esse vai se incumbir de

regulamentar as relações de modo que todos os homens poderão ser livres e exercer plenamente seu poder, embora sendo representado por terceiros.

Por sua vez, o “pai” do liberalismo econômico, Adam Smith, argumenta que o trabalho humano garante a riqueza dos países e das pessoas, apesar dos fatores adversos:

Não se veem povos pobres em terras vastíssimas, potencialmente férteis, em climas dos mais benéficos? E, inversamente, não se encontra, por vezes, uma população numerosa vivendo na abundância em um território exíguo? Ora, se essa é a realidade, é por existir uma causa sem a qual os recursos naturais nada são, por assim dizer; uma causa que, ao atuar, pode suprir a ausência de recursos naturais. Em outros termos, uma causa geral e comum de riqueza, causa que, atuando de modo desigual entre os diferentes povos, explica as desigualdades de riqueza de cada um deles; essa causa dominante é o trabalho (HUGON apud SMITH, 1988, pág.104).

Na verdade esses pensadores defendem a desigualdade como condição embora preguem a igualdade de oportunidades, baseada na capacidade de cada um de “subir na vida”. O que percebemos de fato, desde a invenção do capitalismo até agora, é que a economia é a base das prioridades e que o ser humano e suas necessidades são o complemento, o qual deve ser educado para o trabalho à medida que o mercado necessite.

Essa realidade nos remete à necessária crítica explícita no pensamento de Karl Marx de que a sociedade é dividida em duas classes sociais antagônicas: uma burguesa dominante que detém a propriedade dos meios de produção e outra trabalhadora, dominada, que não possui propriedades e que vende sua força de trabalho para garantir a sobrevivência diária.

Figura 2: Palestra do Moto-Taxista



Fonte: Próprio autor, 2016.

O que de fato acontece é que o modo de produção capitalista define a organização social e política da qual a educação e o trabalho fazem parte. A palestra do Moto-Taxista José Carlos Sevalho Soares (Figura 2) foi bastante ilustrativa nesse sentido. Ao discorrer que foi militar temporário do Exército por vários anos, que possui diversos cursos técnicos e que atua como moto-taxista para ter melhor renda é um retrato da realidade do mercado.

Esta compreensão está amparada pelo método marxista e é compartilhada com vários autores brasileiros que fazem sua relação com o aspecto educacional. Ela envolve a compreensão de que “o modo de produção da vida material condiciona o processo em geral da vida social, político e espiritual” (MARX e ENGELS, 1982, p. 25). Ou seja, nosso futuro na sociedade é determinado pelo sistema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ano de 2017 repetimos a pesquisa sobre profissões em turmas do primeiro ano do ensino médio e a tendência na escolha de cursos foi semelhante. Nessa lógica indutiva, na hipótese da realização dos sonhos desses jovens, podemos inferir que nosso futuro está fadado à fome, à ignorância e a ausência dos prestadores de serviços essenciais que são mal remunerados e discriminados pela sociedade, com a ausência de agricultores, de professores e de profissionais de serviços

gerais, mas certamente não nos faltarão médicos, juristas e engenheiros.

A partir das experiências vividas neste Projeto de Extensão várias foram as lições aprendidas, dentre elas destacamos a percepção de que a forma de relação da escola com a comunidade nos permitiu compreender melhor a realidade descrita nas teorias e a formular teorias sobre a realidade efetiva. A atividade de extensão, ao falar sobre profissões à comunidade, permitiu buscar a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e nos levou a compreender que é possível fazer com que a educação contribua para a mudança transformadora que todos almejamos.

A educação que vivencia a comunidade pode significar uma educação para a vida e, conforme argumenta Mészáros (2005), contribuir para a transformação da sociedade. A educação que permanece na sala de aula e nos formatos tradicionais que historicamente aconteceram no Brasil conseguirá apenas perpetuar o sistema desigual e desumano.

A ação desenvolvida foi marcada por frequentes elogios e momentos bastante emocionantes provocados pela sinceridade dos palestrantes, muitas vezes provocados pelos alunos participantes, que se envolveram no projeto de forma bastante significativa. Ao conhecerem o IFAM e as possibilidades dos projetos os alunos do 9º ano demonstraram grande interesse em ingressarem na Instituição.

Com efeito, o que nos preocupa e nos chama ao desafio é a realidade presente em nosso País, na qual o modelo exitoso dos Institutos Federais é questionado pelos governantes e ameaçado por reformas liberais que acontecem de forma autoritária e sem qualquer consulta à comunidade escolar.

Mas o desafio nos leva a persistir no ensino, na pesquisa e na extensão de qualidade, de modo que possamos com essa prática indissociável justificar nossa

existência e, além de contribuir com a escolha das profissões pelos jovens, viabilizar que essas profissões não sejam mecanismos de exploração e “fábrica” de sonhos frustrados.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Pró-Reitoria de Extensão e ao *Campus Coari* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, bem como aos voluntários e colaboradores do Projeto, sem os quais não teria sido possível seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo Luiz. *O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2005.

HUGON, Paul. *História das doutrinas econômicas*. São Paulo: Editora Atlas, 1980

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas. 1992.

LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Para a crítica da economia política: salário, preço e lucro - o rendimento e suas fontes - a economia vulgar*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.

OLIVEIRA, Inocêncio. *Capacitação Tecnológica da População*. Brasília. Câmara dos Deputados. Coordenação de Publicações, 2007.

PERES, Claudio A. et al. *Acompanhamento de Alunos Egressos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) - Campus Coari*. Nexus – Revista de Extensão do IFAM. 3ª ed. Manaus: Editora IFAM, 2016.

SAMPAIO, Maurício. *Escolha Certa: Como Tomar a Melhor Decisão Hoje para Conquistar uma Carreira de Sucesso Amanhã*. 2 ed. Ebook/ Livro Digital. Dsop, 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. Diretrizes para o Trabalho Acadêmico na Universidade. São Paulo: Cortez, 2000.